

REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇA A PARTIR DO CONVÍVIO COM AS CRIANÇAS TERENA DA ALDEIA URBANA DARCY RIBEIRO, CAMPO GRANDE – MS

REFLECTIONS ON IDENTITY AND DIFFERENCE FROM THE COEXISTENCE
WITH CHILDREN TERENA FROM THE URBAN VILLAGE DARCY RIBEIRO,
CAMPO GRANDE - MS

REFLEXIONES SOBRE LA IDENTIDAD Y LA DIFERENCIA A PARTIR DE LA
CONVIVENCIA CON LOS NIÑOS TERENA DE LA ALDEA URBANA DARCY RIBEIRO,
CAMPO GRANDE - MS

Daniele Gonçalves Colman¹

Gustavo dos Santos Souza²

Resumo: O presente artigo é resultado de discussões formuladas a partir da construção da pesquisa realizada em 2021, intitulada: “O brincar com as crianças Terena em Campo Grande/MS: identidades e diferenças”, cujas análises estão amparadas teoricamente nos Estudos Culturais e nos teóricos do grupo Modernidade e Colonialidade. O texto estrutura-se sob um estudo bibliográfico de caráter qualitativo, apoiado teórico-metodologicamente sob as pesquisas pós-críticas em educação de Meyer e Paraíso (2012; 2014). O texto em tela tem por objetivo apresentar um breve levantamento sobre pesquisas realizadas com crianças indígenas em diversos contextos e a articulá-lo com reflexões empírico-teóricas sobre a pesquisa com crianças indígenas da Aldeia Urbana Darcy Ribeiro.

Palavras-chave: Criança indígena; Aldeia Urbana Darcy Ribeiro; Pesquisar com crianças indígenas; Diferença.

Abstract: This article is the result of discussions formulated from the construction of the research conducted in 2021, entitled: "Play with children Terena in Campo Grande/MS: identities and differences" whose analyses are theoretically supported in Cultural Studies and in the theorists of the Modernity and Coloniality group. The text is structured under a bibliographic study of a qualitative character, supported theoretically-methodologically under the post-critical research in education of Meyer and Paraíso (2012; 2014). The text on screen aims to present a brief survey on research conducted with indigenous children in various contexts and to articulate it with empirical-theoretical reflections on research with indigenous children of the Darcy Ribeiro Urban Village.

Palavras-chave: Indigenous child; Darcy Ribeiro Urban Village; Research with indigenous children; Difference.

Resumen: El presente artículo es el resultado de discusiones formuladas a partir de la construcción de la investigación realizada en 2021, titulada: “El jugar con los niños Terena en Campo Grande/MS: identidades y diferencias”, cuyos análisis están amparados teóricamente en los Estudios Culturales y en los teóricos del grupo Modernidad y Colonialidad. El texto se estructura sobre un estudio bibliográfico de carácter cualitativo, apoyado teórico-metodológicamente bajo las investigaciones post-críticas en educación de Meyer y Paraíso (2012; 2014). El texto en pantalla tiene por objetivo presentar un breve estudio sobre investigaciones realizadas con niños indígenas en diversos contextos y a articularlo con reflexiones empírico-teóricas sobre la investigación con niños indígenas de la Aldeia Urbana Darcy Ribeiro.

¹ Doutoranda pela Universidade Católica Dom Bosco.

² Mestrando pela Universidade Católica Dom Bosco. gustaucdb@gmail.com.

Palabras clave: Niño indígena; Aldea Urbana Darcy Ribeiro; Investigar con niños indígenas; Diferencia.

Introdução

A investigação em tela situa-se no campo teórico dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais voltados às reflexões sobre identidade e diferença, trazendo para discussão a criança indígena enquanto sujeito protagonista. Para chegarmos ao conjunto de escritos que constituem este texto, foi necessária uma abordagem qualitativa de investigações de cunho bibliográfico, cujo foco fossem as crianças indígenas, selecionando diversas pesquisas que contribuíssem com o nosso objetivo de fazer emergir reflexões a partir do convívio com as crianças da Aldeia Urbana Darcy Ribeiro.

Fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento, o artigo se consolida enquanto uma articulação a partir da convivência com as crianças que vivem e circulam pela Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, com teóricos que trabalham as perspectivas críticas sobre os estudos com crianças indígenas. Dessa forma, amparamo-nos na ideia de que a criança não é um mini adulto, mas que apresenta modos próprios de ser, viver e conviver em meio ao contexto sociocultural em que perambulam (Adir Casaro NASCIMENTO; Antonio Jacó BRAND; Antônio Hilário AGUILERA URQUIZA, 2006).

Ao pensarmos em produzir pesquisa com povos indígenas, devemos primeiramente realizar uma reflexão sobre como nos portamos diante do diálogo que queremos estabelecer com os povos originários. Dessa forma, uma auto reflexão metodológica se faz extremamente necessária, uma vez que toda pesquisa necessita de um “como fazer” (Dagmar Estermann MEYER; Marluce Alves PARAÍSO, 2014) para se alcançar os objetivos estabelecidos, entretanto, para se desenvolver de maneira ética, sempre respeitando os limites e levando em conta as diferenças colocadas pelos sujeitos da investigação.

Nesse sentido, enquanto pesquisadores preocupados com o bem-estar dos sujeitos da pesquisa, devemos buscar coletivamente a melhor forma de construirmos conhecimento. Daniele Gonçalves Colman e Gustavo dos Santos Souza (2021) ressaltam que é necessário deixar para trás o estigma da pesquisa moderna utilizado para realizar investigações *sobre* indígenas e passar para a pesquisa *com* povos indígenas e nesse contexto:

[...] é de extrema importância que o pesquisador se coloque numa posição de cooperador na produção do conhecimento, enxergando aqueles que o rodeiam como sujeitos históricos, produzidos sócio-culturalmente, carregados de subjetividade, caracterizados pelos seus processos formativos, histórias e experiências de vida. Esses e outros pontos que podem ser elencados,

influenciam diretamente na maneira como estes se portam diante de determinada situação (COLMAN, SOUZA, 2021, p.2).

Por isso, ao idealizarmos o presente artigo, escolhemos como amparo teórico-metodológico os estudos de Meyer e Paraíso (2014), que nos sustentam quando trabalham as metodologias críticas e, ao mesmo tempo, sensíveis nas pesquisas em educação, ressaltando que nós, pesquisadores e pesquisadoras,

[...] necessitamos ser abertas e flexíveis; não podemos ser rígidas em nenhum instante desse pesquisar, porque precisamos estar sempre abertas a modificar, (re)fazer, (re)organizar, (re)ver, (re)escrever tudo aquilo que vamos significando ao longo da nossa investigação. A inquietação constante, a experimentação, os (re)arranjos, o refazer, o retomar inúmeras vezes é parte do nosso modo de fazer pesquisa. (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 43)

Pesquisar com crianças indígenas em contexto urbano é isso, um constante rearticular metodológico que exige flexibilidade e muita sensibilidade por parte do pesquisador, onde “há a necessidade de sair da lógica da razão e seguir o caminho do aprofundamento teórico-afetivo, sinalizado por um pensamento flexível e intuitivo”. (Maria Aparecida BERGAMASCHI; João Vicente Silva SOUZA, 2016, p. 216). As especificidades que marcam as pesquisas com crianças indígenas estão na imprevisibilidade e em suas coletividades, características que dificultam o delimitar espaço, tempo e ação. Um modo de ser e estar no mundo que marca a diferença e a identidade das crianças.

A partir das análises desenvolvidas na pesquisa, é possível identificar elementos que marcam essa diferença da criança indígena. Nesse sentido, propomos trazer um levantamento das produções acadêmicas sobre/com crianças indígenas em contexto urbano no Mato Grosso do Sul. Na intenção de compreender o campo de pesquisa, as teorias adotadas e os procedimentos metodológicos utilizados, o texto apoia-se em uma metodologia de caráter qualitativo e busca, por meio da revisão bibliográfica de produções acadêmicas, contribuir para ampliar as pesquisas nesse assunto.

Essas produções foram e estão sendo mapeadas desde 2019 através do banco de Teses e Dissertações da Capes, em textos publicados em Anais de eventos acadêmicos e em periódicos de Programas de Pós-Graduação em Educação, História, Antropologia e outros que contemplam, em sua estrutura e organização curricular, linhas de pesquisas voltadas para os estudos indígenas.

A criança indígena em contexto urbano: o que revelam as produções de conhecimento

Os estudos envolvendo a temática indígena têm conquistado um grande espaço no cenário acadêmico nacional. Para isso, basta realizar uma pesquisa pelo Banco de Teses e Dissertações da Capes e por alguns periódicos acadêmicos de programas de pós-graduação que observamos uma crescente elaboração de trabalhos, destacando e apontando questões fundamentais de uma diversidade de epistemologias que são construídas ao longo de um processo.

Todas essas questões podem ser identificadas e, posteriormente, analisadas após a expansão dos programas de pós-graduação no Brasil. Mas, mesmo diante da expansão da pós-graduação, das produções acadêmicas e do crescimento das pesquisas com povos indígenas, é importante evidenciar que os estudos com/sobre criança indígena em contexto urbano ainda é uma lacuna a superar no cenário acadêmico do Estado de Mato Grosso do Sul e, até mesmo, do país. Essa afirmação pode ser compreendida com o reduzido número de trabalhos realizados com essa temática, apesar do campo de pesquisa registrar estudos desde a década de 1960, com o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira.

Os estudos sobre/com populações indígenas no Mato Grosso do Sul tem sido um diferencial nos programas de pós-graduação em Educação, História e Antropologia do estado, e tal fato pode ser observado com a inserção de pesquisadores indígenas nesses programas tendo como foco o próprio povo e também com a criação de linhas específicas para os estudos indígenas, têm proporcionado o crescimento das produções acadêmicas sobre a temática.

Ainda, nesse cenário, é importante registrar que esses estudos abordam diferentes temas de pesquisas com uma diversidade de epistemologias, o que tem contribuído para a sedimentação e a ressignificação de alguns estereótipos no campo dos estudos indígenas no Estado. Ainda nesse contexto, que se propõe a discussão do presente artigo, registramos que as pesquisas com/sobre crianças indígenas, embora tímidas, vem ganhando espaços nos programas de pós-graduação do Mato Grosso do Sul, fato comprovado pelas pesquisas realizadas dos pesquisadores: Adir Casaro Nascimento (UCDB), Beatriz dos Santos Landa (UEMS), Levi Marques Pereira (UFGD) e Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS). Parte dos resultados das pesquisas com crianças indígenas no Estado podem ser analisadas nos livros: Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais, organizado pelos pesquisadores: Adir Casaro Nascimento, Antônio Hilário Aguilera Urquiza e Carlos Magno

Naglis Vieira; Criança indígena: um olhar multidisciplinar de organização da procuradora Ariadne Cantú (2011).

Os estudos com populações indígenas em contexto urbano no Mato Grosso do Sul têm avançado pouco, e quando direcionamos as nossas lentes para a criança indígena em contexto urbano presenciamos uma lacuna ainda maior. Esse universo acadêmico envolve a população indígena que está no espaço urbano. Assim, diante desse intenso caminho investigativo, apresentamos as pesquisas realizadas com essa temática no Estado.

Os primeiros estudos com povos e crianças indígenas em contexto urbano no Mato Grosso do Sul aconteceu com Roberto Cardoso de Oliveira, em 1968 e Yara Penteado, em 1980. O trabalho de Penteado (1980) registrou a presença de indígenas que residiam na cidade de Aquidauana e Campo Grande. A pesquisa teve como objetivo encontrar os grupos domésticos identificados na pesquisa de Cardoso de Oliveira entre os anos de 1958 e 1960 e atualizar o “trabalho do tempo”, principalmente nas questões que se referem à identidade, migração, integração à vida nacional, perspectiva de vida e outros.

Outro elemento que surgiu com as aldeias urbanas foi o crescente número de crianças indígenas nas escolas públicas da cidade. Nesse sentido, dando continuidade ao mapeamento das produções e tendo como foco a criança indígena em contexto urbano, percebemos uma quantidade ainda menor de trabalhos realizados, tanto nos programas de pós-graduação do Estado e fora dele e nos órgãos de financiamento de pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, apresentamos alguns autores que produziram suas dissertações sobre essa temática:

Sonia Aparecida Verga Brumatti (2007) defendeu no ano de 2007 a pesquisa intitulada: “Identidade indígena: algumas características de estudantes indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados” pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Brumatti (2007) busca na dissertação “investigar como adolescentes indígenas – habitantes da Reserva Indígena de Dourados – constroem suas identidades, por meio de redações, em contexto de escola não-indígena” (p.7). Como conclusão, a autora, a partir da teoria semiótica, coloca que

[...] a construção identitária erigida pela oposição: esses meninos e meninas, em relação ao seu mesmo grupo étnico, são índios que assumiram, como seus, valores oriundos da cultura não-índia – sujeito metamorfoseado, multifacetado; índio em vias de tornar-se outro – fato que se estabelece como fator da identidade, característica comum a todos eles. (Sonia Aparecida Verga BRUMATTI, 2007, p. 118).

Rafael Presotto Vicente Cruz, defendeu em 2009, “Projeto Córrego Bandeira – Cultura, Jogo e Territorialidade” pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade

Católica Dom Bosco. Cruz (2009) tem por objetivo “investigar as contribuições dos jogos propostos pelo Projeto Córrego Bandeira no fortalecimento do modo de ser das crianças e jovens Terena da Aldeia Urbana ‘Marçal de Souza’, atendidas pelo referido projeto social, desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Instituto Ayrton Senna” (2009, p. 7).

Valéria Ap. Mendonça de Oliveira Calderoni, defendeu em 2011, “Nas tramas da igualdade e da diferença frente à alteridade dos alunos indígenas”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. A autora aponta como objetivo geral “investigar as concepções dos docentes de uma escola pública da educação básica sobre a igualdade/diferença da identidade indígena, identificando eventuais fatores em torno desses conceitos que, ao estabelecer relações com alunos índios, interferem na sua alteridade” (p. 8).

Ari Fernando Bittar, defendeu em 2011, “Projeto Córrego Bandeira e as Crianças Terena” pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. O autor propôs “identificar as manifestações identitárias das crianças Terena que frequentam o Projeto Córrego Bandeira” (p. 7).

A dissertação de Michely Aline Jorge Espíndola (2013) “Jovens terena na cidade de Campo Grande (MS): política e geração”, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Espíndola (2013) propõe discutir “juventude indígena – etnia Terena - política – movimento indígena – e racismo” (p. 9) em contexto urbano.

A dissertação de Marcela Guarizo da Silva, “Presença de crianças indígenas em escolas municipais não indígenas de Dourados-MS: a educação na perspectiva intercultural”, foi defendida em 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. A autora propõe “estudar as relações e identificar as barreiras encontradas em escolas públicas municipais não indígenas que atendem alunos indígenas da cidade de Dourados-MS, sob a perspectiva de um possível diálogo intercultural na educação, buscou-se identificar as estratégias que as escolas desenvolvem para lidar com as demandas de manifestações interculturais na época contemporânea e o modo como essa educação se consolida nesses espaços” (p. 8).

Josimara dos Reis Santos, defendeu a dissertação em 2015, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados com o título: Crianças Kaiowá no espaço urbano da Vila Cristina, Amambaí, MS: novos cenários de socialização. A autora propõe dialogar com os referenciais produzidos e contribuir com as abordagens relacionadas ao processo de socialização de crianças indígenas Kaiowá da Vila Cristina, no município de Amambai/MS. De acordo com a pesquisa, o processo de socialização

das crianças Kaiowá residentes na vila Cristina em Amambai/MS ocorre em variados espaços que o promovem, desde o âmbito doméstico aliado ao entorno que envolve as crianças.

Ainda, no sentido de ampliar o campo de pesquisa e sentindo a necessidade de compreender melhor a temática, as teorias propostas e os procedimentos metodológicos utilizados com as crianças indígenas em contexto urbano, apresentamos um levantamento maior sobre o assunto, destacando os poucos trabalhos realizados por pesquisadores fora do Estado de Mato Grosso do Sul.

A tese de doutorado de Mariana Paladino, defendida em 2006, “Estudar e experimentar na cidade: Trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre “Jovens” indígenas Ticuna, Amazonas”, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A autora aponta que “o ‘estudo’ como uma das trajetórias, hoje possíveis, para quem atravessa a fronteira da infância, como forma que os Ticuna entendem de ‘ser alguém na vida’, ‘ser um cidadão’” (p. 8) nesse sentido, são crianças que acreditam que a educação é o caminho para a um “projeto de autonomia”. (p. 8).

A tese de doutorado de Roberto Sanches Mubarac Sobrinho, defendida em 2009 – “Vozes infantis: as culturas das crianças sateré-mawé como elementos de (des)encontros com as culturas da escola”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O autor enfatiza o orgulho da criança Santaré-Mewé em afirmar sua identidade quando aponta que,

[...] sobre as crianças indígenas nas cidades, em específico à infância das crianças Santeré-Mawé. [...] ao mesmo tempo em que essa infância é olhada pelas ciências e, em muitos casos, negada por ela, não perde os elementos do cotidiano, suas expressões, seus jeitos de ser, como nos disse Taíza (12 anos) “nós estamos na cidade, mas não deixamos de ser Santeré-Mawé...”. (SOBRINHO. 2011, p. 28)

A dissertação de Gerson Carlos Rezende, defendida em 2005, “Fronteira cultural: a relação entre indígenas e não indígenas em escolas urbanas”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. O autor argumenta sobre as escolas em contexto urbano e não indígena que, “[...] essa instituição, parte dessa mesma sociedade, não parece compreendê-los e nem estar preparada para tratá-los na sua diferença” (2005, p. 13).

A dissertação de Sergio José Both, em 2006, “Da aldeia a cidade: o cotidiano de estudantes Paresi em escolas urbanas de Tangará da Serra/MT”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. No trabalho o autor buscou “identificar e analisar as dificuldades e tensões que a comunidade educativa escolar enfrenta no

convívio com a diversidade étnica caracterizada pela presença de estudantes Paresi nas escolas urbanas” (p. 11).

A dissertação de Maria do Céu Bessa Freire, defendida em 2006, “A Criança Indígena na Escola Urbana: desafio Intercultural”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. A autora faz uma discussão sobre

[...] os desafios que as crianças indígenas enfrentam e a forma como isso se constata nos discursos e nas práticas veiculadas no contexto escolar urbano. Utiliza pressupostos teóricos partindo das concepções de cultura, diversidade cultural, multiculturalismo, interculturalismo e sua relação com as práticas docentes. (p. 9).

A dissertação de Áurea Lúcia Melo Oliveira Corrêa, defendida em 2009, “A Trajetória de Vida de Jovens Estudantes Ye’Kuana na Cidade de Boa Vista: Desafios e Perspectivas”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. A autora apresenta “narrativas autobiográficas e depoimentos, documentos e registros históricos, frente ao fluxo de jovens indígenas que saem das suas comunidades para estudar e depara-se com os desafios da inserção e vivência no contexto urbano” (2009, p. 8).

A dissertação de Vanúbia Sampaio dos Santos. Expressões identitárias no espaço escolar: um estudo com estudantes indígenas de escolas públicas urbanas de Ji-Paraná, Rondônia, defendida em 2014 pela Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá. A autora tem como foco

[...] as expressões identitárias dos estudantes indígenas (o ser indígena), a pesquisa de campo evidenciou expressão que permitem ser lidas como possíveis situações de omissão e ou afirmação do pertencimento étnico no contexto das duas escolas urbanas” (SANTOS, 2014, p. 8).

A dissertação de Edson Yukio Nakashima. Reatando as pontas da rama: a inserção dos alunos da etnia indígena Pankararu em uma escola pública na cidade de São Paulo, defendida em 2009 pela Universidade de São Paulo, São Paulo. O autor conclui em sua pesquisa que :

Em contraste a toda uma mobilização étnica verificada em contexto nacional, observamos na escola uma desvalorização da identidade indígena. Situações marcadas pela estereotipia, preconceito e discriminação na escola fazem com que a figura indígena assumam uma conotação negativa perante alunos e professores. (NAKASHIMA, 2009, p. 220).

A dissertação de Kátia Simone Muller Dickel. Experiências interculturais: estudantes Kaingang numa escola não-indígena, defendida em 2013 pela Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre. A autora propõe “compreender como ocorre esta convivência e em que medida ela expressa relações de interculturalidade” (p. 5).

A dissertação de Rozane Alonso Alves, “Infância indígena: como as crianças Arara-Karo na região Amazônica dizem de si sobre ‘o ser indígena’”, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defendida em 2014. A autora buscou compreender o “olhar para si”, a dizer-se das crianças indígenas. Fiquei atenta às suas vozes, concepções de mundo e relações que estabeleciam dentro e fora da escola, o modo como dizem sobre o ser indígena: como se veem e falam de si” (2014, p. 12).

Produzir-se, será a palavra-chave para pensar a inserção das crianças indígenas nos espaços urbanos que transcende a terra indígena, a sua cultura. Pensar essa transcendência como forma de regulação e minimização destas crianças, partindo do princípio que ela, a criança indígena, não é mais um indivíduo particular que se expressa, se constitui por meio desta particularidade, mas sim um sujeito que vai se organizando, ou até mesmo enquadrando-se dentro da considerada “normalidade”. (ALVES, 2014, p. 61).

Um diferencial observado é que nos estudos, principalmente aqueles cujo referencial está distante dos estudos culturais e dos pós-coloniais, os autores estão preocupados em apresentar as dificuldades e as tensões que as escolas da cidade enfrentam com a presença das crianças indígenas (Sérgio José BOTH, 2006), as relações entre docentes e discentes indígenas (Maria do Céu BESSA FREIRE, 2006) e os processos e desafios da escolarização dos índios em espaço urbano (Mariana PALADINO, 2006), como também a construção da identidade cultural e social da criança indígena em contexto urbano e de escola não indígena, as pressões, desafios e tensões (Roberto Sanches Mubarak SOBRINHO, 2009; Rafael Presotto Vicente CRUZ, 2009; REZENDE, 2002).

Os estudos de Roberto Sanches Mubarak Sobrinho (2009), Maria do Céu Bessa Freire (2006), Sérgio José Both (2006), Sonia Aparecida Verga Brumatti (2007), Valéria Aparecida Mendonça de Oliveira Calderoni (2011) e Ari Fernando Bittar (2011) evidenciam que a escola e os docentes não estão sabendo lidar com a “vantagem pedagógica” (CANDAU, 2016) da diferença na criança indígena. Stephen Ronald Stoer (2001) caracteriza como “o grande desafio para a educação inter/multicultural é tornar a escola num lugar privilegiado de comunicações interculturais” (p. 203).

Além do seu modelo hegemônico que marca sua ação pedagógica, temos a falta de informação e de orientação para o trabalho com a diferença e o forte preconceito e discriminação por parte dos estudantes e funcionários da escola. Essas situações vividas pelas

crianças indígenas acabam provocando um silenciamento e uma subalternização de sua identidade étnica e dos saberes tradicionais presentes nas aldeias indígenas. Nesse sentido Both conclui que,

A questão do multiculturalismo (crítico) e da afirmação da identidade cultural dos diversos grupos sociais também apresenta uma oportunidade para repensar velhos dilemas sobre as relações entre cultura e educação. A crítica ao etnocentrismo e ao racismo pode ser imediatamente transportada ao âmbito da escola e do currículo, pois as relações aí envolvidas não são nada abstratas; são de ordem prática. (BOTH, 2006, p. 137)

Outros elementos a serem destacados nas pesquisas acadêmicas são, a contrapartida, as estratégias de sobrevivência que exige outra ótica, ver na aparente subalternização e negação de pertencimento étnico, negociação, ver que em meio aos preconceitos, racismos e estereótipos existem reações de embate, estratégias para seguir sobrevivendo étnico-culturalmente, pois existe um orgulho identitária forte, que justificam as resistências do modo de ser e estar das crianças indígenas, o que se torna cotidiano quando falamos de um contexto não indígena, urbano e de escolas não indígena.

As leituras não contemplam todas as produções acadêmicas existentes e nem as em andamento, mesmo porque algumas não foram significativas para pensar a criança indígena, ou também porque tratavam de pesquisas comparativas, o que não é objetivo dessa pesquisa, mas nas produções trazidas sobre/com/da criança indígena em contexto urbano, percebemos que as pesquisas muito pouco tem avançado no sentido de compreender como esses alunos indígenas que estudam e circulam na cidade, como constroem suas identidades e os seus saberes (RIOS, 2008) e como essas crianças indígenas resistem na cidade frente aos conflitos e as tensões para afirmar com orgulho sua pertença étnica, como no caso da pesquisa em questão. Nesse sentido, buscamos investigar o modo de ser e estar das crianças indígenas que residem e circulam pela Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, no município de Campo Grande/MS, no período da pandemia da Covid-19.

Algumas considerações a partir do convívio com crianças indígenas da Aldeia Urbana Darcy Ribeiro

Ao refletirmos sobre as pesquisas realizadas com crianças indígenas, percebemos que elas apresentam outras características comuns além dos sujeitos da pesquisa. Dizemos isso, pois, em maior ou menor intensidade e metodologicamente, todos os estudos identificados, em

certo ponto, desprendem-se da lógica segregacionista intelectual, cuja criança se encontra estigmatizada como um mini adulto que precisa ser corrigido para alcançar determinados valores/objetivos/conceitos estabelecidos pelos adultos, as crianças indígenas são trazidas como agentes de seus modos de ser, agentes capazes de resistir e reexistir no mundo e, no silenciamento de fazer ouvir, na subalternização viver étnico-culturalmente e na estereotipia se fazer enxergar.

Isso não se deve apenas ao empenho dos pesquisadores e pesquisadoras que realizaram tais investigações, mas também pelas diferentes lógicas construídas socioculturalmente, pelos povos tradicionais, cuja relação entre criança e adulto se desenvolve de maneiras diferentes à considerada pelo mundo moderno como “padrão”, bem como a própria ideia do que é ser criança ou adulto.

Nesse sentido, por estarmos construindo conhecimento *com* crianças indígenas, precisamos nos despir do cartesianismo e humildemente olharmos pelas óticas dessas crianças e, para isso, é necessária sensibilidade, um *tatear* para entender que as crianças indígenas são agentes de ação e de voz. Essa é a diferença do pesquisar *com* indígenas e não mais *sobre*, pois os afetamentos que sofremos no campo e pelos sujeitos com os quais convivemos durante a pesquisa nos marcam, nos borram e nos desconstroem enquanto lógica moderna de pesquisar. (Daniele Gonçalves COLMAN; Gustavo dos Santos SOUZA, 2021).

Dessa forma, as pesquisas aqui analisadas têm nos dado pistas dos elementos fundamentais para entender essa diferença que incomoda a sociedade não indígena, ainda mais se tratando de crianças, pois, segundo Alessandra Mara Rotta de Oliveira (2002), “entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança” (apud NASCIMENTO; BRAND; AGUILERA URQUIZA, 2006, p.8).

No brincar com as crianças indígenas Terena que moram e circulam pela Aldeia Urbana Darcy Ribeiro, pudemos verificar as muitas especificidades que as diferenciam da criança não indígena. A primeira percepção foi sentir na pele o quanto elas são cuidadosas em se aproximar, olham de longe, desconfiam, falam pouco ou nada verbal. Sim, seus olhos e movimentos falam mais alto, elas, as crianças Terena, nos colocam no lugar de pertença, estranhos, estrangeiros, e isso requer delas cautela, um comportamento que nos faz sentir o quanto elas já aprenderam sobre as estratégias de sobrevivência.

Aos poucos elas vão chegando, vão se aproximando, umas te aceitam, outras não, daí a liberdade que elas desfrutam em estar ou não com o estrangeiro, e sim, o pesquisador deve fazer muitos movimentos para que ganhe a confiança delas e seja aceito. As crianças cobram

compromisso e responsabilidade, por vezes colocam à prova a autoridade do pesquisador, um pequeno desafio para manter a ordem, algo que para elas não importa muito.

Quando o pesquisador passa pelos crivos do compromisso, os afetos começam, as relações vão se dando na confiança, algo caro, precisa ser alimentado no com-viver e no estar junto. Brincar com as crianças indígenas ensina que o adulto nada mais é do que um mediador aprendiz, quem estabelece as regras e os limites são elas, e, por vezes, no estar com elas, pode-se observar que tais regras e limites são ressignificadas pelo tão complexo modo de ser delas, são coletivas, parafraseando Krenak (2020), são “constelações”.

A exclusão do outro na brincadeira não tem graça para a criança indígena, ganhar ou perder não superam a diversão do brincar juntos, pois todos precisam participar. A corda para pular é melhor quando todos podem pular juntos, a bola é mais interessante se todos e todas, grandes e pequenos, bons e não tão bons, puderem jogar. Em meio a brigas e choros, é melhor não interferir, eles se resolvem rápido e logo dão risada da confusão.

Fica evidente que as identidades das crianças indígenas Terena que moram e circulam pela Aldeia Urbana Darcy Ribeiro se formam em meio aos embates diários anti preconceito, racismo, diferença de classe e étnica. Elas aprendem cedo a sobreviver, a resistir e fortalecer o seu pertencimento étnico. No brincar com elas, foi visível que existe uma linha imaginária que separa a aldeia do restante do bairro, é dentro da aldeia e dos acampamentos que elas se sentem livres e seguras. Nascimento, Brand e Aguilera Urquiza (2006), sobre as crianças indígenas, expõem que

Na perspectiva da pedagogia indígena, a criança aprende experimentando, vivendo o dia a dia da aldeia e, acima de tudo, acompanhando a vida dos mais velhos, imitando, criando, inventando, sendo que o ambiente familiar, composto pelo grupo de parentesco, oferece a liberdade e a autonomia necessárias para esse experimentar e criar infantil. [...] Liberdade, permissividade e autonomia, experimentando e participando da realidade concreta do dia-a-dia, seus conflitos e contradições, estão perfeitamente articuladas com aprendizagem e responsabilidades na vida, que nas comunidades indígenas iniciam muito cedo (URQUIZA, 2006, p. 8).

Vemos, dessa maneira, o quão importante e necessária é a infantilidade em seu sentido genuíno, de que as crianças precisam interagir enquanto crianças, pensar como crianças, enxergar como crianças, precisam e, antes disso, têm o direito de serem crianças. E isso, diante de contextos socioculturais divergentes em relação à sociedade hegemônica, revela os processos de resistência que vêm sendo construídos ao longo da história dos povos tradicionais, mas, além disso, caminha junto a interculturalidade crítica, manifestando uma perspectiva pedagógica que contesta incessantemente “a racialização, subalternização, inferiorização e seus

padrões de poder, viabiliza modos diferentes de ser, viver e saber, [...] alentam a criação de modos outros - de pensar, ser, estar, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras” (WALSH, 2009, p.25).

Palavras Finais

Longe de estabelecermos uma conclusão, porém caminhando rumo a uma direção em que se possa reformular concepções acerca das investigações com crianças indígenas, esperamos ter provocado rupturas no pesquisar acadêmico arraigado no cartesianismo moderno. Se não rupturas, pelo menos novas formas de enxergar o estar junto com as crianças indígenas, reconhecendo-as como sujeitos produtores de cultura que constroem lógicas próprias atravessadas pelas vivências da infância na comunidade.

Salientamos, ainda, que esse artigo não tem a pretensão de ser enxergado enquanto uma concepção concreta, visto a fluidez da cultura e das outras dimensões da vida humana, mas também por estarmos cientes de que olhares outros acerca do tema podem vir a somar para a discussão no campo da educação, mais especificamente junto à um contexto formado por crianças indígenas.

Consideramos que esta pesquisa contribua para o campo da educação, pois sabemos que, na conjuntura atual, ainda existem muitas dificuldades para receber e acolher essas crianças indígenas. Esperamos ter feito emergir inquietações nos leitores e, principalmente, nos professores, para enxergarem que as crianças indígenas têm muito a dizer e muito mais a ensinar, pois, a lógica pela qual elas estão no mundo e o veem, é uma riqueza de saberes tão humana e, pedagogicamente, pode ser trabalhada de maneira significativa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rozane Alonso. *Infância indígena: como as crianças Arara-Karo na região Amazônica dizem de si sobre ‘o ser indígena’*, 2014. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BESSA FREIRE, Maria do Céu. *A criança indígena na escola urbana: um desafio intercultural*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2006. (Dissertação de Mestrado de Educação).

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, João Vicente Silva. Pesquisa etnográfica: espaços para sensível e a sensibilidade. In: FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina

do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs). *O sensível e a sensibilidade na pesquisa em educação*. 2016, p. 193-220.

BITTAR, Ari Fernando. *Projeto Córrego Bandeira e as Crianças Terena*. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2011. (Dissertação de Mestrado em Educação).

BOTH, Sergio José. *Da aldeia a cidade: o cotidiano de estudantes paresi em escolas urbanas de Tangará da Serra/MT*. Universidade Federal de Mato Grosso, 2006. (Dissertação de Mestrado de Educação).

BRUMATTI, Sonia Aparecida Verga. *Identidade indígena: algumas características de estudantes indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados - MS*. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007 (Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem).

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidianos escolar e práticas interculturais. *Cadernos de pesquisa*: v. 46, n. 161, p. 802-820, jul./set., 2016.

CRUZ, Rafael Presotto Vicente. *Projeto Córrego Bandeira – cultura, jogo e territorialidade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande – MS.

CALDERONI, Valéria Aparecida Mendonça de Oliveira. *Nas tramas da igualdade e da diferença frente a alteridade dos alunos indígenas*. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2011. (Dissertação de Mestrado em Educação).

COLMAN, Daniele Gonçalves; SOUZA, Gustavo dos Santos. PESQUISAR COM POVOS INDÍGENAS: desafios, tensões e negociações. *Anais do IX Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade*, UCDB. 2021. p.169-179.

CORRÊA, Áurea Lúcia Melo Oliveira. *A trajetória de vida de jovens estudantes Ye'kuana na cidade de Boa Vista: desafios e perspectivas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amazonas. Manaus – AM.

DICKEL, Katia Simone Muller. *Experiências interculturais: estudantes Kaingang numa escola não-indígena*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ESPINDOLA, MICHELY ALINE JORGE. *Jovens terena na cidade de Campo Grande (MS) política e geração*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, NATAL – RIO GRANDE DO NORTE.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves Paraíso (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2 Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

NAKASHIMA, Edson Yukio. *Reatando as pontas da rama: a inserção dos alunos da etnia indígena Pankararu em uma escola pública na cidade de São Paulo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, Adir Casaro; BRAND, Antonio Jacó; AGUILERA URQUIZA, Antônio Hilário. ENTENDER O OUTRO: a criança indígena e a questão da educação infantil. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPED. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. 2006..

NASCIMENTO, Adir Casaro. URQUIZA, Antônio Hilário, VIEIRA, Carlos Magno Naglis. A cosmovisão e a representação das crianças indígenas kaiowá e guarani: o antes e depois da escolarização In: *Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais*. Brasília: Liber, 2011.

PALADINO, Mariana. Estudar e experimentar na cidade: *Trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre “Jovens” indígenas ticuna, Amazonas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. (Tese de Doutorado em Antropologia).

PENTEADO, Yara Maria Brum *A condição urbana: estudo de dois casos de inserção do índio na vida cidadina*. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

REZENDE, Mireilly Marques. *Descrição das condições sociais dos Terena assentados no Bairro Jardim Noroeste em Campo Grande/MS*. Campo Grande: Universidade para o desenvolvimento do Estado e da região do Pantanal, 2005. (Dissertação de Mestrado em Meio Ambiente)

SANTOS, Vanúbia Sampaio dos. *Expressões identitárias no espaço escolar: um estudo com estudantes indígenas de escolas públicas urbanas de Ji-Paraná, Rondônia*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá – MT.

SANTOS, JOSIMARA DOS REIS. *Crianças Kaiowá no espaço urbano da Vila Cristina, Amambai, MS: novos cenários de socialização*. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados – MS, Dourados - MS.

SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarac. *Vozes infantis indígenas: as Culturas Escolares como elementos de (des)encontros com as culturas das crianças Sataré-Mawé*. Manaus: Editora Valer, Fapeam, 2011.

STOER, S. Desocultando o vôo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social. In: CORREIA, J. A.; CORTESÃO, L.; STOER, S. (Orgs.). *Transnacionalização da educação: da crise da educação à “educação” da crise*. Porto: Afrontamento, 2001. p. 245-275.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro - 7 Letras, 2009.

*Enviado em 14 de fevereiro de 2022.
Aprovado em 12 de abril de 2022.*